

A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES POR MEIO DE MECANISMOS DE CONTRAEXPECTATIVA EM CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA

THE ARTICULATION OF CLAUSES BY MECHANISMS OF CONTRAEXPECTATIVE IN CHRONICLES BY RUBEM BRAGA

Camila de Oliveira Groppo Lourenço Lima (UFF)

Resumo: O presente trabalho analisa a articulação de orações adversativas e concessivas por meio de mecanismos de oposição que exprimem ideia de contraexpectativa, à luz da Macrossintaxe Argumentativa de Ducrot e do estudo semiolinguístico das relações lógicas proposto por Charaudeau, a partir de um *corpus* composto por duas crônicas escritas por Rubem Braga. No *corpus* selecionado, verifica-se o emprego do conector *mas*, observando a diferença entre o *masSN*, operador lógico, cujo valor semântico é o de retificação, e o *masPA*, operador argumentativo. Investiga-se, também, o emprego do conector *embora*, a fim de diferenciar a argumentação concessiva e a adversativa a partir da observação da utilização de estratégias de antecipação e de suspense. Além disso, é feita a investigação de tais mecanismos de contraexpectativa a partir da relação lógica de restrição proposta por Charaudeau.

Palavras-chave: contraexpectativa, macrossintaxe argumentativa, semiolinguística.

Abstract: This article analyzes the articulation of oppositional and concessive clauses by means of opposition mechanisms that express the idea of counterexpectation, in the light of the Argumentative Macro-syntax of Ducrot and the semiolinguistic study of logical relations proposed by Charaudeau, as of a *corpus* composed of two chronicles written by Rubem Braga. In the selected corpus, check the employment connector *but*, observing the difference between the *but SN*, logical operator, whose semantic value is the one of rectification, and the *but PA*, argumentative operator. It is also investigated the use of the connector *though*, to differentiate the concessive and adversarial arguments as of an observation of the use of strategies of anticipation and suspense. Moreover, it is made the investigation of such mechanisms of counterexpectation from the logical relation of restriction proposed by Charaudeau.

Keywords: counterexpectation, argumentative macro-syntax, semiolinguistic.

1 Considerações iniciais

O desejo de desenvolver este trabalho surgiu a partir da minha prática docente, que me permitiu ver a realidade (ainda) persistente nas aulas de Português no Brasil: um ensino de língua que se limita, muitas vezes, a uma simplória reprodução de nomenclaturas impostas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e pelas gramáticas normativas, desconsiderando, por exemplo, a insuficiência das noções e procedimentos e as inconsistências teóricas contidas na tradição gramatical.

Esse método de ensino, que, muitas vezes, reduz o ensino de gramática a um simples estudo metalinguístico, não conduz a um melhor entendimento dos processos de compreensão e produção de textos, tão necessários a nossos alunos.

É fundamental ressaltar, entretanto, que este trabalho não objetiva sugerir a exclusão da metalinguagem nos estudos gramaticais. O que se pretende é reforçar a postura de que o ensino da metalinguagem não deve constituir um fim em si mesmo. Segundo Franchi (2006, p. 69), “nesse exercício escolar puramente classificatório se distancia o aspecto fundamental da atividade gramatical que consistiria em compreender os diferentes processos pelos quais o sujeito atua linguisticamente”. Logo, o estudo metalinguístico deve, na verdade, ser visto como um dos recursos para transmitir ao aluno um saber consciente sobre sua língua, que lhe permita a ampliação de sua capacidade de comunicação e expressão verbal.

Diante disso, uma das propostas deste estudo é mostrar a possibilidade de inserir, na educação básica, abordagens que vão além daquelas propostas pela NGB, pelas gramáticas tradicionais e por muitos livros didáticos. É inegável a necessidade de promover o trabalho com uma gramática que seja, de fato, reflexiva, e que leve nossos alunos a desenvolverem seu potencial crítico, de modo que compreendam e se posicionem em relação àquilo que leem.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a articulação de orações adversativas e concessivas por meio de mecanismos de oposição que exprimem ideia de contraexpectativa, à luz da Macrossintaxe Argumentativa de Ducrot e do estudo semiolinguístico das relações lógicas proposto por Charaudeau, a partir de um *corpus* composto por crônicas escritas por Rubem Braga.

2 Fundamentação teórica

Trataremos, inicialmente, da fundamentação teórica que norteará a análise das crônicas que compõem o *corpus* deste trabalho. Tratamos dos conectores segundo concepções semântico-discursivas à luz da Macrossintaxe Argumentativa e da Teoria Semiolinguística, privilegiando a análise daqueles que marcam a contraexpectativa na articulação das orações.

2.1 Os conectores: uma visão discursiva

Enquanto a visão tradicional adota, principalmente, como visto, a terminologia *conectivos* para fazer referência a algumas classes gramaticais específicas, tais como as conjunções e os pronomes relativos, as abordagens linguísticas lançam mão do termo *conectores*. Essa é uma terminologia ampla, que engloba, além daquilo que é tratado pela gramática tradicional, outros elementos relacionais como as preposições, os advérbios e algumas palavras – chamadas “denotativas” – que, apesar de sua relevância no que concerne ao encaminhamento dos enunciados e à organização argumentativa dos textos, tiveram seu estudo relegado a um plano secundário. A fim de analisar os conectores responsáveis pelo valor semântico de contraexpectativa na articulação de orações retiradas do *corpus* selecionado, enfocaremos, a seguir, alguns pontos de vista teóricos sobre os itens em questão.

2.1.1 Os conectores e a Semântica Enunciativa

A Semântica Enunciativa ou Macrossintaxe Argumentativa, desenvolvida por Ducrot e Anscombre, foi responsável por recuperar o estudo dos operadores argumentativos – tradicionalmente descritos como meros elementos relacionais – como importantes marcas linguísticas da enunciação, os quais respondem por grande parte da força argumentativa do texto.

Nessa perspectiva de abordagem, há dois grupos de conectores: os *operadores do tipo lógico* e os *encadeadores discursivos*. Segundo Monnerat,

A função dos conectores lógicos é apontar o tipo de relação lógica que o locutor estabelece entre o conteúdo de duas proposições. Nesse caso, trata-se de um único enunciado, resultante de um ato de fala único, já que nenhuma das proposições constitui objeto de um ato de enunciação compreensível independentemente da outra, ou seja, as duas orações estão ligadas num único ato de enunciação, correspondente a uma única intenção - é um caso de subordinação semântica. (MONNERAT, 1998, p. 44)

É importante ressaltar que são diversos os tipos de relações lógicas apontadas por esses conectores: *condicionalidade, causalidade, mediação, disjunção, conformidade, temporalidade, modo, complementação e delimitação/restricção*. Não

iremos, porém, analisar as especificidades de cada um desses tipos de relações, visto que nosso trabalho não se voltará para os *operadores do tipo lógico*, e, sim, para alguns *encadeadores discursivos*. A respeito deles, Monnerat afirma que:

São responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, cada um dos enunciados resultante de um ato de fala diferente. O que se afirma não é a relação do tipo lógico existente entre o que é assegurado por duas proposições; produzem-se, isto sim, dois ou mais enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, considerado tema. Comprova-se que são enunciados diferentes, resultantes de atos de fala distintos, por poderem ser apresentados sob a forma de dois períodos, ou até proferidos por locutores diferentes, recebendo a denominação de encadeadores do discurso, porque tanto podem ocorrer entre orações de um mesmo período, quanto entre parágrafos de um texto. Esses conectores implicam, então, coordenação semântica e mais de um universo de crenças. (MONNERAT, 1998, p. 44-45)

Os encadeadores discursivos, além de estruturar os enunciados em textos encadeando-os de forma sucessiva, são responsáveis por marcar as relações do tipo discursivo, também chamadas *argumentativas, pragmáticas, retóricas* ou *ideológicas*. Esse encadeamento é, geralmente, feito pelos operadores argumentativos, elementos de valor essencialmente argumentativo, que orientam o texto em uma dada direção argumentativa e que são importantes marcas linguísticas da enunciação. Segundo Ducrot e Anscombe (1983), a argumentatividade está inscrita na própria língua, ou seja, para esses autores, o uso da linguagem é essencialmente argumentativo.

Dentre os operadores argumentativos, há aqueles que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, chamados operadores de *conjunção*. Existem os operadores que introduzem argumentos alternativos que levam à mesma conclusão, chamados de operadores de *disjunção argumentativa*. Há, ainda, os operadores de *justificativa* ou *explicação*, os operadores de *conclusão* e os operadores de *comparação*.

Neste trabalho, o objetivo é analisar um tipo específico de operadores: aqueles que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias, chamados de operadores de *contrajunção*, os quais pertencem à área semântica da oposição, como o *mas*, operador argumentativo por excelência, segundo Ducrot, e seus correlatos – *porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, apesar de*, etc.

Nesse contexto, é importante observar que, para a Macrossintaxe Argumentativa, agrupam-se na área semântica de oposição tanto as conjunções adversativas quanto as concessivas, segundo a classificação da gramática tradicional. Dentre os estudiosos que representam, no Brasil, a Semântica Enunciativa de Anscombe e Ducrot, destacaremos, neste trabalho, algumas abordagens de Eduardo Guimarães (2002).

Esse autor, ao tratar dos operadores de *contrajunção*, destaca o *mas*, retomando a diferença, proposta pela Semântica Enunciativa, entre dois tipos de *mas*: o *masSN*, exemplificado em (1) e o *masPA*, exemplificado em (2). Segundo ele, “o primeiro é um *mas* que tem uma função opositiva, mas não argumentativa” e “aparece sempre depois de um enunciado negativo, com uma função de correção de algo suposta ou realmente dito antes” (Guimarães, p. 61, 2002). O *masPA*, por sua vez, é o *mas* argumentativo em sentido estrito e é nele que se concentram as análises desta pesquisa.

(1) Não foi em uma esquina, **mas** foi ainda na Florida que encontrei alguém. (BRAGA, 2013, p. 439)

(2) Uma tarde em Buenos Aires eu estava meio triste – **mas** não bebi, não telefonei, não procurei nenhuma pessoa amiga. (BRAGA, 2013, p. 439)

Como dito anteriormente, na *contrajunção*, contrapõem-se enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador *mas*.

Observa-se o fato de que, em uma sucessão de enunciados nos quais se contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias, o conteúdo da primeira asserção, articulada à segunda pelo *mas*, implica uma terceira asserção implícita, consequência natural da asserção de base e que deverá negar o conteúdo da segunda, conforme nomenclatura proposta por Charaudeau (1992).

Há de se considerar, ainda, o operador *embora*. Nesse caso, observa-se que, diante de sua utilização, a orientação argumentativa que prevalece é a do enunciado não introduzido por esse operador. Sendo assim, enquanto o *mas* marca o argumento mais

forte, que conduz para uma determinada conclusão, o *embora* marca o argumento mais fraco, aquele que vai ser invalidado pelo locutor.

Ao tratar dessa questão, Monnerat chama atenção para uma relevante diferença entre esses operadores. Segundo a autora:

Uma diferença fundamental entre as proposições introduzidas por *mas* e as por *embora*, mesmo que, ainda que, apesar de etc. é que, com as primeiras, só é possível a ordem p, mas q e nunca mas q, p e, com as segundas, é possível a ordem A, embora B e Embora B, A, caso em que se anuncia com antecedência que o argumento não se manterá. (MONNERAT, 2001, p. 55)

Guimarães (2002) também versa a respeito da diferença de emprego entre esses conectores, explicando-a por meio das *estratégias de relação*, que podem ser de *antecipação* ou de *suspense*. Segundo ele, a estratégia de *suspense* é aquela que o locutor utiliza quando emprega o operador *mas*. Nesse caso, o locutor faz com que o interlocutor imagine uma conclusão, para, posteriormente, introduzir um argumento que o levará a uma conclusão contrária. Já a estratégia de *antecipação* é aquela verificada no emprego do operador *embora*, quando o locutor já anuncia, de antemão, que o argumento introduzido por esse conector será anulado.

2.1.2 Os conectores e a Semiologia

Charaudeau (1992), ao tratar das relações lógicas, afirma que os procedimentos linguísticos de articulação lógica, embora possam integrar outros modos de organização discursiva, representam categorias da língua a respeito da organização argumentativa.

Segundo o autor, uma *operação lógica* é aquela que liga duas asserções sobre o mundo, de maneira que a existência de uma dependa da existência da outra. As relações lógicas, ou seja, as relações entre essas asserções, não resultam de laços meramente formais, mas de elos conceituais.

Dessa forma, o autor chama atenção para o fato de que existem três níveis de construção das relações lógicas: *cognitivo*, *linguístico* e *discursivo*. No nível cognitivo,

são construídos os arquétipos lógico-linguísticos; no nível linguístico, as relações lógicas são especificadas através de marcas formais; no nível discursivo, é o contexto e a situação comunicativa que integram essas relações num *dispositivo argumentativo*.

É válido ressaltar que as relações lógicas propostas por Charaudeau se configuram linguisticamente por meio de palavras gramaticais, palavras lexicais e certas construções frasais. Nessa perspectiva teórica, cinco categorias lógico-linguísticas são apresentadas: *conjunção*, *disjunção*, *restrição*, *oposição* e *causalidade* (que agrupa as seguintes subcategorias: *implicação*, *explicação* e *hipótese*).

2.1.2.1 A relação lógica de restrição

A *restrição* é a relação lógica que trata do processo no qual duas asserções se interligam, de modo que a segunda (asserção restritiva) apresente a negação de uma das consequências, geralmente implícita, da primeira (asserção de base). Cabe enfatizar que essa relação lógica envolve o que a gramática tradicional chama de adversativas e concessivas.

Diante disso, merece destaque a diferença entre a *restrição simples* e a *restrição concessiva*. A *restrição simples*, exemplificada em (3), caracteriza-se como sendo aquela em que o interlocutor só reconhece *a posteriori* a asserção implícita negada. Nesse caso, a marca formal de restrição inicia a asserção restritiva, ao contrário do que ocorre na *restrição concessiva*, exemplificada em (4), na qual a marca formal de restrição inicia a asserção de base, de modo que se acaba por levar o interlocutor a reconhecer a verdade daquela asserção para, depois, estabelecer a restrição.

(3) Tentei convencê-la de que não devia se abanar, **mas** acabei achando que era melhor que o fizesse. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 169)

(4) [...] **embora** fizesse frio, se abanava com uma revista. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 169)

3 Análise do corpus

Analisaremos as crônicas de Rubem Braga com base na fundamentação teórica apresentada, a fim de verificar a validade das hipóteses previamente delineadas para esta pesquisa. Além disso, pretendemos atender aos objetivos centrais incluídos na introdução deste trabalho.

3.1 Uma tarde em Buenos Aires

Nesta crônica, de 1956, Rubem Braga relata um encontro, ocorrido em uma tarde, em Buenos Aires, com um casal de amigos brasileiros que estavam em lua de mel. No início da crônica, podemos identificar um emprego do conector *mas*, classificado como *masPA*, segundo a Macrossintaxe Argumentativa:

(A) Uma tarde em Buenos Aires eu estava meio triste – mas não bebi, não telefonei, não procurei nenhuma pessoa amiga. (BRAGA, 2013, p. 439)

A estratégia de relação que pode ser observada no fragmento acima é a de *suspense*, visto que, primeiramente o cronista nos apresenta o trecho “Uma tarde em Buenos Aires, eu estava meio triste” e leva o leitor a imaginar uma possível conclusão condizente com o sentimento de tristeza, tal como beber algo, telefonar para alguém ou procurar uma pessoa amiga. Entretanto, em seguida, o autor nos apresenta um argumento que nos leva a uma conclusão contrária: “mas não bebi, não telefonei, não procurei uma pessoa amiga”.

É importante observar que essa utilização do *mas*, nesse fragmento, é condizente com o que Ducrot afirma ao dizer que esse conector pode exprimir um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos. Ao afirmar que “Uma tarde em Buenos Aires eu estava meio triste – mas não bebi, não telefonei, não procurei nenhuma pessoa amiga”, o cronista nos mostra que, segundo sua visão de mundo, o que se espera de uma pessoa que está triste é que ela tome alguma atitude em relação a isso, como beber, telefonar para alguém ou procurar uma pessoa amiga.

O mesmo excerto da crônica em estudo pode ser analisado à luz da Semiologia. É possível, nesse trecho, observar que o conteúdo do primeiro

membro, articulado ao segundo pelo *mas*, implica uma terceira asserção implícita, consequência natural da primeira, e que irá negar o conteúdo da segunda asserção.

Assim, tem-se a asserção de base – *Uma tarde em Buenos Aires eu estava meio triste* – e a 2ª asserção – *mas não bebi, não telefonei, não procurei nenhuma pessoa amiga*. Tem-se, ainda, a 3ª asserção implícita, consequência da asserção de base – quando alguém está triste, espera-se que beba, telefone para alguém ou que procure uma pessoa amiga.

Torna-se necessário destacar que o texto só pode ser adequadamente compreendido quando o leitor (e o aluno) leva (ou levam) em consideração, além das asserções explícitas, o conteúdo da asserção implícita.

Charaudeau (1992), ao tratar das relações lógicas, mostra a diferença existente entre a restrição *simples* e a restrição *concessiva*. No caso em análise, verifica-se um exemplo da restrição *simples*, que é aquela na qual o interlocutor só reconhece *a posteriori* a asserção implícita que é negada. Nesse caso, a marca formal de restrição inicia a asserção restritiva.

Nesse sentido, vale salientar a semelhança existente entre a restrição *simples*, proposta por Charaudeau, e a estratégia de *suspense*, cunhada por Eduardo Guimarães. Em ambos os casos, o interlocutor reconhece *a posteriori* o conteúdo que está sendo negado pela asserção restritiva, iniciada pela marca formal de *restrição*: o *masPA* ou um de seus correlatos.

No trecho seguinte, extraído da mesma crônica, é possível verificar uma ocorrência do *masSN*, retificador:

(B) Não foi em uma esquina, mas foi ainda na Florida que encontrei alguém: era um casal de amigos brasileiros em lua-de-mel. (BRAGA, 2013, p. 439)

Esse conector tem uma função opositiva, sendo também um *operador do tipo lógico*, e não um *encadeador discursivo*. Nesta crônica, verifica-se mais uma ocorrência de um *masPA*:

(C) Estimei encontrá-los, e a felicidade do casal me fez bem, mas senti, com certa curiosidade, que no fundo de mim não havia a menor inveja. (BRAGA, 2013, p. 439)

Nessa ocorrência, percebe-se que, mais uma vez, foi empregada a estratégia de *suspense*, na qual o argumento negado é posteriormente conhecido.

Segundo a Semiologia, temos, nesse trecho, a seguinte asserção de base: “a felicidade do casal me fez bem”. A asserção restritiva, como visto, nega o conteúdo de uma 3ª asserção implícita, consequência da asserção de base. Nesse fragmento, a asserção implícita é “a felicidade do casal deveria ter me feito sentir (ou seja, ter feito o cronista) inveja”. Esse conteúdo é negado pela asserção restritiva: “mas senti, com certa curiosidade, que no fundo de mim não havia a menor inveja”. Além disso, verifica-se, no caso em análise, a ocorrência de uma restrição *simples*, como em (A).

Logo, na crônica “Uma tarde em Buenos Aires”, foram verificadas três ocorrências do conector *mas*, sendo um *masSN* e dois casos de *masPA*. Não há nenhuma ocorrência de algum conector de contrajunção correlato, como *porém*, *contudo* e *entretanto*. Não se verificou, também, ocorrência do emprego de *embora* ou de seus correlatos.

3.2 Um braço de mulher

Nesta crônica, Rubem Braga conta a respeito de uma viagem de avião, saindo do Rio de Janeiro, com destino a São Paulo. Como o avião demora a pousar, uma senhora sentada ao seu lado fica bastante aflita e o cronista se ocupa de (tentar) acalmá-la.

No final do primeiro parágrafo, é possível verificar uma ocorrência de um *masPA*:

(D) O avião já havia chegado a São Paulo, mas estava fazendo sua ronda dentro de um nevoeiro fechado, à espera de ordem para pousar. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 169)

É possível observar, nesse trecho, que o avião já havia chegado a seu destino, mas, por questões climáticas, estava impedido de efetuar o pouso.

Assim, verifica-se uma ocorrência da utilização de um conector que marca uma restrição simples, na qual a asserção “mas estava fazendo sua ronda dentro de um nevoeiro fechado, à espera de ordem para pousar” nega o conteúdo da asserção implícita que se apresenta como consequência da asserção de base: se o avião já havia chegado a São Paulo (asserção de base), esperava-se não que ele fizesse sua ronda dentro do nevoeiro, mas que pousasse (asserção restritiva, implícita). Entretanto isso não ocorreu. Nesse trecho, o autor valeu-se da estratégia de *suspense*, visto que o conteúdo negado só é reconhecido posteriormente.

Nesta crônica, foram verificadas mais 8 ocorrências de *masPA*, as quais analisaremos a seguir. Em (E), a terceira asserção implícita pode ser facilmente identificada:

(E) Tentei convencê-la de que não devia se abanar, mas acabei achando que era melhor que o fizesse. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 169)

Se o cronista tentou convencer a mulher que estava ao seu lado de que ela não devia se abanar, é porque acreditava que ela não devia fazer isso. A asserção restritiva, introduzida pelo *mas*, nega, portanto, esse conteúdo, pois introduz ao período um enunciado em que o cronista diz que acabou achando que era melhor que a mulher se abanasse. Observa-se que o cronista reconhece que, ao se abanar, a mulher poderia ficar mais tranquila. Por isso, ele diz “mas acabei achando que era melhor que o fizesse”.

No 3º parágrafo, há uma outra ocorrência de um *masPA*:

(F) Havia certamente piloto e co-piloto e vários homens no avião. Mas eu era o homem ao lado, o homem visível, próximo, que ela podia tocar. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 170)

Nesse trecho, o cronista fala a respeito da segurança que a mulher parecia sentir, naquele momento, por tê-lo ao seu lado. Ao afirmar que “Havia certamente piloto e co-piloto e vários homens no avião”, o cronista nos leva a imaginar que qualquer um deles poderia ajudar aquela senhora. Apesar disso, o único homem perto dela, e que poderia acalmá-la, pois ela podia ver e tocar, era ele.

Em (G), tem-se uma asserção restritiva – “Mas esperei inutilmente que recolhesse as pernas para que eu pudesse sair de meu lugar junto à janela” – que nega o conteúdo de uma asserção implícita: se a mulher, personagem a respeito de quem o cronista fala, aceita que ele troque de lugar com sua amiga para que, assim, ela se sinta mais segura, o esperado pelo cronista é que tal mulher recolhesse as pernas, para que ele pudesse sair de seu lugar. Então, tem-se “ofereci-me para trocar de lugar, e ela aceitou” e, por ter aceitado, deveria ter recolhido as pernas para que o cronista pudesse passar:

(G) Notando que uma sua amiga estava em outra poltrona, ofereci-me para trocar de lugar, e ela aceitou. Mas esperei inutilmente que recolhesse as pernas para que eu pudesse sair de meu lugar junto à janela; acabou confessando que assim mesmo estava bem, e preferia ter um homem — “o senhor” — ao lado. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 169)

Destaca-se que, nesse fragmento, a asserção restritiva aparece em um período diferente do período em que aparece a asserção de base. Uma outra ocorrência do conector *mas* que merece destaque é a que se verifica em (H).

(H) Mas de que vale uma aeromoça? Ela não é muito convincente; é uma funcionária. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 170)

Nessa utilização, o cronista lança mão do conector para introduzir um novo parágrafo, cujo conteúdo está intimamente relacionado ao que fora dito no parágrafo

anterior. Ao perguntar “Mas de que vale uma aeromoça?”, o cronista faz referência àquilo que é narrado anteriormente. Ele chamou uma aeromoça para que ela pudesse acalmar a mulher aflita, mas isso não surtiu o efeito por ele esperado. Assim, o que se percebe, nesse trecho, é a ocorrência de um *mas* que não nega apenas uma asserção implícita, mas uma série de implícitos que são construídos em consequência daquilo que o parágrafo sugere. Naquela situação, uma aeromoça não tinha valor; era uma funcionária, apenas, não alguém capaz de tranquilizar a senhora de quem fala o cronista.

Percebe-se, assim, ainda considerando essa ocorrência, que o início do parágrafo em análise apresenta uma pergunta, por meio da oração inserida pelo *mas* (“Mas de que vale uma aeromoça”), que dialoga com o início do parágrafo anterior, no qual o cronista fala que chamou a aeromoça com o intuito de que ela pudesse acalmar a senhora.

Tem-se, então, a seguinte relação: o cronista afirma “Chamei a aeromoça”, pois acreditava que, naquela situação, ela teria valor, utilidade; a aeromoça poderia ajudar a acalmar a senhora. Entretanto, no parágrafo seguinte, ao questionar “Mas de que vale uma aeromoça?”, ele acaba por negar, indiretamente, o valor da funcionária em tal momento.

Em (I), também se verifica a utilização do *mas* para conectar orações em períodos diferentes, embora no mesmo parágrafo.

(I) Outras lembranças me vieram, e me ocorreu que na hora da morte, segundo dizem, a gente se lembra de uma porção de coisas antigas, doces ou tristes. Mas a visão monótona daquela asa no meio da nuvem me dava um torpor, e não pensei mais nada. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 171)

Nesse caso, a asserção restritiva nega a ideia implícita de que, por estar perto da morte, o cronista deveria pensar em “uma porção de coisas, doces ou tristes”. Entretanto, o cronista foi tomado de um torpor que o impedia de pensar em qualquer coisa, o que fica claro quando ele afirma “e não pensei mais em nada”.

Analisaremos, agora, a ocorrência do *mas* verificada em (J). No fragmento em questão, percebe-se, também, que o enunciado introduzido pelo conector *mas* apresenta como uma restrição simples que se opõe ao conteúdo de uma terceira asserção, implícita.

(J) Foi uma visão rápida, logo perdida no nevoeiro denso, mas me deu uma certeza profunda de que estávamos salvos porque a terra existia, não era um sonho distante, o mundo não era apenas nevoeiro e havia realmente tudo o que há, casas, árvores, pessoas, chão, o bom chão sólido, imóvel, onde se pode deitar, onde se pode dormir seguro e em todo o sossego, onde um homem pode premer o corpo de uma mulher para amá-la com força, com toda sua fúria de prazer e todos os seus sentidos, com apoio no mundo. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 172)

A rápida visão do cronista, que, segundo ele, tão logo se perdeu na densidade do nevoeiro, não deveria ter sido suficiente para acalmá-lo naquele momento, mas foi: “Foi uma visão rápida” – e que não deveria lhe deveria ter dado uma certeza profunda de que estavam salvos – “mas me deu uma certeza profunda de que estávamos salvos (...)”.

Em (K), já no final da crônica, o cronista afirma, a respeito da mulher do avião:

(K) Certamente nunca mais a verei, nem o espero. Mas o seu belo braço foi um instante para mim a própria imagem da vida, e não o esquecerei depressa. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 172)

Diante disso, o leitor é levado a imaginar que essa mulher – e seu braço direito, tocado pelo cronista, por alguns instantes, para conferir à mulher tranquilidade naquele momento de aflição – seria rapidamente esquecida pelo cronista. Ele, no entanto, afirma “Mas o seu belo braço foi um instante para mim a própria imagem da vida, e não o esquecerei depressa”. Assim, é possível perceber como, mais uma vez, o *mas* insere uma asserção restritiva que nega um conteúdo implícito.

Diante das análises aqui feitas, é necessário chamar a atenção para as ocorrências verificadas em (F), (G), (H), (I) e (K). Nesses fragmentos, o emprego do *mas* vai além daquilo que é prescrito pelas gramáticas tradicionais e pela maioria dos livros didáticos que circulam nas escolas brasileiras.

Segundo a abordagem tradicionalista, o *mas*, assim como seus correlatos – porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia – é classificado como uma conjunção, cuja função é conectar, dentro de um período, duas ou mais orações. Sendo assim, tal perspectiva considera o *mas* um vocábulo responsável por estabelecer a coesão intrafrasal.

O que se verifica, entretanto, nas ocorrências em análise, é a utilização do conector *mas*, promovendo não a união entre duas orações dentro do mesmo período, mas unindo enunciados que, sintaticamente, encontram-se em períodos diferentes.

Em virtude disso, vale analisar o conceito de *coordenação semântica*, segundo Ducrot. De acordo com o autor, os *encadeadores discursivos*, tais como o *mas* e o *embora*, são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos. Esses *encadeadores do discurso* podem ocorrer entre orações de um mesmo período, como se verificou em (E) e (K), assim como podem ocorrer entre períodos diferentes dentro de um mesmo parágrafo, como visto em (F), (G), (I), (J) e (L) e até mesmo unindo parágrafos diferentes, como se verifica em (H). Ao tratar disso, Monnerat (1998) afirma que

Guimarães (1987) mostra que a função da coordenação não é simplesmente adicionar orações, mas sim encadeá-las sucessivamente, transformando-as em texto. Por esta razão, diz ele, as conjunções coordenativas, na coordenação semântica, aparecem não só entre orações de um mesmo período, mas também encadeando orações de períodos diferentes, ao até parágrafos entre si. (MONNERAT, 1998, p. 45)

Assim, percebe-se que, nas situações analisadas até aqui, a asserção restritiva foi introduzida pelo conector *mas*, operador argumentativo por excelência, segundo Ducrot. No entanto, é necessário observar que, no fragmento que segue, a asserção restritiva foi introduzida por um conector correlato ao *mas*:

(L) O avião estava descendo mais e mais e entretanto não se conseguia enxergar coisa alguma. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 171)

Nessa utilização, verifica-se que a asserção da base – *O avião estava descendo mais e mais* – acarreta, como consequência, uma asserção implícita: se o avião descia mais e mais, o esperado era que se conseguisse enxergar algo. O cronista nega essa asserção implícita por meio da asserção restritiva, aqui introduzida pelo conector *entretanto*.

Como pode ser visto, nesta crônica, todos os empregos analisados até aqui revelaram a contraexpectativa marcada pelo uso do conector *mas* ou um de seus correlatos – um caso de restrição simples, segundo a teoria Semiolinguística. A

contraexpectativa marcada pelo *embora* – chamada pela Semiolinguística de restrição *concessiva* – só pode ser observada uma vez, no trecho que segue:

(M) Ela estava tão aflita que embora fizesse frio se abanava com uma revista.
(BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 169)

No fragmento em destaque, percebe-se o emprego do conector *embora*, também introduzindo uma asserção restritiva – *embora fizesse frio* – que nega um conteúdo implícito. Quando está frio, não se espera que alguém se abane.

É necessário destacar que, nesse caso, a relação que se estabelece não é a de *suspense*, mas a de *antecipação*. Além disso, cabe salientar que, ao passo que o *mas* é responsável por marcar o argumento mais forte, o conector *embora* marca o argumento mais fraco, aquele que vai ser refutado. Esses são aspectos essenciais para se diferenciar a concessão, da adversidade, segundo nomenclatura proposta pela abordagem tradicional.

Há, ainda, na crônica em análise, a ocorrência de um *masSN*:

(N) Não era o meu braço que apertava, mas um braço de homem, ser de misteriosos atributos de força e proteção. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 169)

Observa-se que esse *mas* é aquele cujo valor discursivo é o da retificação.

Antes de finalizar a análise desta crônica, é importante chamar a atenção para uma ocorrência específica do conector *mas* que, de certa maneira, destoa daquilo que foi verificado nas ocorrências observadas até aqui.

Em (O), tem-se um *mas* que corresponde ao que Ducrot chama de “movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos”:

(O) Meu gesto pareceu inquietar a senhora. Mas olhando novamente para a vidraça adivinhei casas, um quadrado verde, um pedaço de terra avermelhada, através de um véu de neblina mais rala. (BRAGA *apud* MORICONI, 2000, p. 172)

Nesse caso, a oração introduzida pelo *mas* orienta-se para o que está apenas no pensamento do autor e não, como é de costume, negando a terceira asserção implícita, consequência da asserção de base.

Verifica-se que, ao afirmar que “meu gesto pareceu inquietar a senhora”, o cronista, ao perceber essa inquietação, deve ter pensado em modificar sua postura, a fim de não causar um maior desconforto à mulher ao seu lado. Por isso, em vez de continuar com a cabeça erguida, olhando em volta – o que havia inquietado a senhora – o cronista voltou a olhar pelo vidro da janela do avião.

É importante observar que, embora esse *mas* introduza um enunciado que, ao contrário do que foi verificado até aqui, não nega uma terceira asserção implícita, mas sim está orientado para algo que está no pensamento do autor, ainda assim, verifica-se nele um valor de contraexpectativa.

Isso ocorre porque uma expectativa é, de fato, frustrada. O leitor, ao se deparar com o enunciado “(...) ergui a cabeça, olhei em volta, para os outros passageiros, como se me dispusesse afinal a tomar alguma providência”, presente no parágrafo anterior (15º parágrafo), cria a expectativa de que o cronista iria, realmente, “tomar alguma providência”. Essa expectativa é contrariada por meio do enunciado introduzido pelo conector *mas*, que leva o leitor a perceber que a única atitude do cronista foi a de olhar pela vidraça.

Enfim, na crônica *Lembrança de um braço direito*, foram verificadas nove ocorrências do conector *mas*, sendo um caso de *masSN* e oito casos de *masPA*. Merece destaque o fato de que, no 16º parágrafo, verificou-se a ocorrência de um *mas* que, de certa forma, vai além das análises feitas, visto que não nega uma terceira asserção implícita, mas sim algo que está no pensamento do cronista. Há apenas uma ocorrência de um conector de contrajunção correlato ao *mas*, (*entretanto*). Verificou-se, também, apenas uma ocorrência do conector *embora*.

4 Considerações finais

Este trabalho buscou estudar a articulação de orações adversativas e concessivas por meio de mecanismos de oposição que exprimem ideia de contraexpectativa, à luz da Macrossintaxe Argumentativa de Ducrot e do estudo semiolinguístico das relações lógicas proposto por Charaudeau, a partir de um *corpus* composto por duas crônicas escritas por Rubem Braga.

Verificamos, inicialmente, que os conectores introdutores de uma ideia de contraexpectativa, em especial o *mas*, foram utilizados não só na articulação de orações dentro de um mesmo período, mas também na promoção da articulação entre períodos e parágrafos distintos. Encontramos o predomínio de casos em que a articulação dos enunciados se deu por meio do conector *mas* (12 ocorrências), em detrimento da utilização de seus correlatos, visto que se verificou apenas uma ocorrência do conector *entretanto*. Entre as ocorrências do conector *mas*, verificaram-se dez casos de *masPA* e dois casos de *masSN*. Verificamos, também, uma ocorrência do conector *mas* que destoa das análises feitas, já que, em vez de negar uma terceira asserção implícita, nega algo que está no pensamento do cronista. É o *mas* que, segundo Ducrot, estabelece um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos.

Foi verificado apenas um caso do conector *embora*. Esse dado nos permite constatar que, no *corpus* analisado, a contraexpectativa adversativa se sobrepõe, em frequência de ocorrências, à contraexpectativa concessiva. Isso nos leva a observar que, assim como afirmou Monnerat (2001), o *embora*, para expressar contraexpectativa, é argumentativamente mais frouxo que o *mas*. Além disso, foi possível constatar que, nas crônicas de Rubem Braga, a estratégia de relação favorita é a de *suspense*, e não a de *antecipação*.

Enfim, ao tratar da articulação de orações por meio de mecanismos de oposição que exprimem ideia de contraexpectativa, este trabalho pretende cooperar com o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Acredito ser nosso papel, enquanto estudiosos da língua, mostrar como as pesquisas acadêmicas podem contribuir para o ensino de língua materna na educação básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachete, 1992.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FRANCHI, Carlos *et al.* *Mas o que é mesmo 'gramática'?*. São Paulo: Parábola, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

MONNERAT, Rosane S. M. *A articulação de orações através de mecanismos de oposição*. In.: *Scripta*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas Linguística e Filologia, Minas Gerais, v. 5, n. 9, 2o semestre de 2001, p.77-93.

MONNERAT, Rosane. *Uma leitura semiolinguística dos conectores "e" e "se" no texto publicitário*. 1998. 2v. 235p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MORICONI, Italo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000.